



**OLIVEIRA VIANA E AS QUESTÕES DA MISCIGENAÇÃO NO BRASIL - a**  
desconstrução dos discursos e ideias que negavam a contribuição do negro e indígena  
em nosso país

**Ronilson de Oliveira Sousa<sup>1</sup>**

**RESUMO:** A presente pesquisa tem por objetivo discutir a interpretação sobre o Brasil do intelectual Oliveira Viana, interpretação esta imersa na discussão acerca das teorias reacionárias sobre a superioridade da raça na colonização do país. Partindo da obra *A Evolução do Povo Brasileiro*, pretende-se analisar as ideias defendidas pelo autor, revelando sua importância para conhecermos o tema. Oliveira Viana seguiu um discurso tradicional, amplamente aceito no Brasil do século XIX e meados do XX – a eugenia – negando, portanto, a contribuição da população negra e mestiça na formação da identidade brasileira.

**Palavras-chave:** eugenia, miscigenação, história, racismo.

**ABSTRACT:** This research aims at discussing the interpretation of Brazil's intellectual Oliveira Viana, this interpretation immersed in discussion about the reactionary theories about the superiority of the breed in the colonization of the country. Based on the book *The Evolution of the Brazilian people*, we intend to analyze the ideas defended by the author, revealing its importance to know the subject. Vianna speech followed a traditional, widely accepted in Brazil nineteenth and mid-twentieth centuries - eugenics - denying, therefore, the contribution of black and mestizo population in the formation of Brazilian identity.

**Keywords:** eugenics, miscegenation, history, racism.

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação. Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: ronilsonos@hotmail.com.



## INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa tem por objetivo discutir a interpretação sobre o Brasil do intelectual fluminense Francisco José de Oliveira Viana (1883 – 1951), interpretação esta imersa na discussão acerca das teorias reacionárias sobre a superioridade da raça na colonização do país. Partindo da obra *A Evolução do Povo Brasileiro*, pretende-se identificar as ideias defendidas pelo autor, revelando sua importância para conhecermos o tema. Oliveira Viana seguiu um discurso tradicional, amplamente aceito no Brasil do século XIX e meados do XX – a eugenia – negando, portanto, a contribuição da população negra e mestiça na formação da identidade brasileira.

A importância dessa discussão está na iminência dos debates sobre a diversidade. Atualmente, há uma necessidade de se rever os estereótipos e preconceitos outrora criados em relação a esse contingente populacional africano que desembarcou no Brasil e acredita-se que um caminho possível e necessário é o retorno às teorias de branqueamento tão amplamente aceitas no século XIX e meados do XX, questionando o respaldo científico que elas tiveram. Assim, parece oportuno compreendermos esse autor no contexto dessas ideias de branqueamento e eugenia no intuito de superarmos eventuais resquícios dessa prática “científica” que ainda obscurece a história do Brasil e lança preconceitos sobre atores fundamentais do nosso processo de formação econômica, social e cultural.

Outra questão importante de retornarmos a esses debates com o foco na figura do Oliveira Viana é provocar uma releitura deste mesmo autor, que também foi atingido com estereótipos e preconceitos, tendo sido associado às teorias do branqueamento que hoje são inadmissíveis. Não se trata de reanimar essas teorias, mas sim de colocar o autor em seu tempo, uma vez que grande parte dos intelectuais desse momento histórico compartilhava dessas ideias por serem elas mesmas passíveis de credibilidade naquele momento. Viana é reconhecido pelas diversas áreas do conhecimento, dada sua formação multidisciplinar e merece destaque pela sua contribuição em relação ao tema da miscigenação, das raças; merece destaque, sobretudo, pela necessidade atual de lançarmos luz sobre o nosso presente, tendo em vista o passado – ou seja, conhecermos



as raízes do discurso eugênico para desconstruí-lo na atualidade – dada a irrevogabilidade da temática da diversidade.

## II – DESENVOLVIMENTO

Nascido em 1883 no Estado do Rio de Janeiro, Francisco José de Oliveira Viana era filho de proprietário rural, sendo membro da terceira geração de uma família de fazendeiros de Saquarema. Foi educado no Colégio Carlos Alberto, em Niterói, e formou-se em Direito, em 1905, pela faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, tornando-se professor de direito criminal mais tarde. Foi diretor do fomento agrícola do Rio de Janeiro 1981, exerceu função no conselho consultivo do Rio de Janeiro em 1931, foi convidado a integrar a comissão técnica do Ministério do trabalho, de 1932 a 1940, onde se tornou o principal formulador da política sindical e social do governo Vargas. De 1940 a 1951, Viana foi ministro do Tribunal de Contas da União. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e foi membro da Academia Brasileira de Letras (ABL). Apesar de ser um intelectual de sucesso nas décadas de 1920 – 30, Viana era reservado, sem ambições de poder e reconhecimento público. Faleceu aos 68 anos de idade, em 1951. Para Carvalho (1991, p. 82 -99), amigos e inimigos afirmavam que Viana,

(...) era uma figura íntegra, totalmente dedicado ao trabalho e aos livros: nunca buscou posições de poder. De hábitos quase monásticos, fugia do brilho das exposições públicas, não aceitava convites para conferência, recusava empregos, como o de juiz do Supremo Tribunal e não frequentava rodas literárias ou antecâmaras de palácios. Respondia aos críticos nos livros seguintes ou nas reedições e mantinha uma postura de respeito pelo debate intelectual. Tão perto do poder por tanto tempo, e do poder arbitrário, nunca disto tirou proveito em benefício próprio.

Importante ressaltar que Oliveira Viana dedicou boa parte de sua vida a produzir obras que são consideradas hoje leitura obrigatória para os cientistas sociais, historiadores, sociólogos, cientistas políticos, psicólogos sociais e os formados em direito. Esse reconhecimento revela a importância da sua obra e sua contribuição para as ciências. Trata-se de uma obra interdisciplinar. Com *Populações Meridionais do Brasil: populações rurais do centro-sul*, publicado, publicada em 1920 pela editora Monteiro



Lobato e Cia., Viana tornou-se reconhecido. Nos anos seguintes, Viana publica mais livros, eis alguns deles: *Evolução do povo brasileiro* (1923), *Pequenos estudos de psicologia social* (1921) *O ocaso do Império* (1925), *O idealismo da Constituição* (1927), *Problemas de política objetiva* (1930), *Raça e assimilação* (1932), *Problemas do direito corporativo* (1938), *Instituições políticas brasileiras* (1949) e *Direito do trabalho e democracia social* (1951). Postumamente vieram *Problemas de organização e problemas de direção* (1952), *História social da economia* (1988) e *Ensaio inédito* (1991).

Neste trabalho, o foco é a obra *Evolução do Povo Brasileiro*, de 1923, escrita como prefácio ao recenseamento de 1920. Nela, Viana elabora uma temporalidade, articulando o passado colonial e imperial ao presente republicano e projetando um futuro possível. No período colonial, Oliveira Viana identifica que “desde os primeiros dias da nossa história, temos sido um povo de agricultores. O dinamismo da nossa história, no período colonial, vem do campo” (VIANA, 1956, p. 55). Da Colônia ao Império, Viana observa um processo de consolidação e assentamento. A evolução da sociedade brasileira começara nobre e foi progressivamente se definindo, se organizando e se consolidando nobremente nos latifúndios.

Em nosso país, ao contrário dos outros, a agricultura se inicia tendo por base a grande propriedade. [...] Nós desde o início, temos sido, um povo de latifundiários: entre nós a História da pequena propriedade pode-se dizer que data apenas de um século. Todo o longo período colonial é um período de esplendor e glória da grande propriedade territorial. (VIANA, 1956, p. 57)

Com o período Republicano, um novo ritmo teria se instalado na vida brasileira, um movimento nas estruturas sociais e demográficas, surgindo novos tipos de brasileiros, através de um processo de decadência das aristocracias. Para Viana, esse processo de decadência do mundo rural brasileiro intensificou-se a partir das mudanças advindas da abolição, afetando as bases do mundo rural brasileiro. Os grandes latifundiários que se apoiavam totalmente no braço negro, sofreram agora com as mudanças advindas do 13 de maio de 1888.

Analisando os ritmos da História brasileira, Viana procurou identificar que o processo de mistura das três raças, retardou o progresso de organização e formação de um tipo físico biológico de raça no Brasil.



Entre nós, o negro, o índio e o branco caldeiam-se profundamente, cruzam-se e recruzam-se em todos os sentidos, [...] compreende-se como é árduo o problema da determinação da influência que cada um deles tem na formação do nosso povo e na constituição dos caracteres somáticos e psicológicos dos nossos tipos nacionais. (VIANA, 1956, p. 123)

Apesar da dificuldade que ele mesmo aponta, nesta obra, Oliveira Viana traça um estudo detalhado da composição de cada uma das raças formadoras do povo brasileiro e sua interpretação do Brasil repousa nas questões da raça sob o ângulo da eugenia. Na verdade, entre os séculos XIX e XX, a biologia desenvolve uma ciência que causará inúmeros impactos nos governos e intelectuais de todo o mundo. O termo “eugenia” – eu: boa; genus: geração – foi criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton. A eugenia se configurava como uma prática do purismo, utilizando-se de diversos métodos, entre eles a esterilização, a segregação, a concessão de licenças para a realização de casamento e adoção de leis de emigração restrita. A eugenia chega ao Brasil a parti dos anos 70, servindo como novo argumento para explicar as diferenças internas, diferenças estas ainda enraizadas nas questões de não aceitação do negro em nossa sociedade. Na década de 30, com as discursões “antidegenerativas” entre os intelectuais, é criada a Comissão Central Brasileira de Eugenia (CCBE). Renato Kerl, organizador da comissão, se aproxima de Oliveira Viana, que cria no Ministério do Trabalho um grupo para pensar as complexidades e problemáticas da imigração no Brasil a parti de 1932. Podemos observar que através deste contato com a eugenia Oliveira Viana serve-se desta teoria adotando um discurso científico combinado com as teorias evolucionista e determinista para analisar o povo brasileiro, desde o processo de colonização.

Para a construção de sua visão do Brasil fundamentada em uma análise antropológica do caldeamento formador do povo brasileiro e em um processo complexo de miscigenação das raças, Viana apropria-se de teorias reacionárias europeias. Autores como Le Play, Lapouge e Le Bon influenciaram de forma profunda a construção dos fundamentos teórico-metodológicos de Oliveira Viana, especialmente a segunda parte da obra *Evolução do Povo Brasileiro*, intitulada *Evolução da Raça*. A ideia de que as raças se distinguiam não tanto pelas características físicas, mas pelos traços psicológicos, havendo, conseqüentemente, uma hierarquia ente elas está em Le Bon. Já Lapouge defende que as raças dolicocefalas dos louros são superiores às braquicefalas, sendo



adepto da seleção social, baseando-se no darwinismo social, guiado pelas ideias de sobrevivência das espécies – todas estas questões das teorias reacionárias foram absorvidas na obra *Evolução do Povo Brasileiro*, para explicar a evolução da sociedade e da raça no Brasil.

Assim, Viana mergulha no “problema da miscigenação” mostrando os tipos raciais. Ele elabora um estudo de antropologia física, para listar e explicar o processo de mistura de raça que foi constituída a população brasileira. Para ele, e para a maioria dos intérpretes do Brasil da sua época, impregnados pelas teorias reacionárias, o Brasil era um vasto campo de fusão de raças, uma geografia diversificada e uma miscigenação muito complexa, sendo difícil determinar os elementos da psicologia e do corpo do povo brasileiro. Outros intérpretes brasileiros seguiram a mesma linha de pensamento de Oliveira Viana, podendo-se destacar aqui tanto Afonso Arinos quanto Nina Rodrigues. O primeiro desejava que o Brasil se embranquecesse, se civilizasse, vencendo os resíduos herdados da população afro-indígena; o segundo chegando a afirmar que “a raça negra no Brasil (...) há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo”. (GASPAR, 2010, p. 2). Ideias essas encontradas em Viana.

Na segunda parte da obra em questão, Oliveira Viana identifica os aspectos da composição étnica das três raças, duas das quais consideradas “exóticas” – o índio e o negro. Para os Índios, ainda que brevemente, Viana analisa os principais grupos nas suas estruturas físicas, como na sua estrutura moral. Em relação aos negros brasileiros, Viana faz um estudo das diferentes nações das tribos importadas, que compõem a raça negra. Evidencia as determinações e aspectos comportamentais da origem étnica, havendo, portanto, uma imensa e desconcertante, diversidade de tipos.

Como afirmamos anteriormente, para Viana e para a maioria dos intérpretes do Brasil da sua época, o Brasil era como um grande campo de mistura de raças e em nenhum lugar da América havia acontecido tamanho processo de miscigenação. Mas, segundo ele, gradualmente a população se tornaria branca. Nas suas interpretações a favor da integração do Brasil à civilização ocidental, o Brasil deveria passar pelo projeto do branqueamento, no qual, através da mistura de raças inferiores com a raça superior (branca), ainda que a longo prazo, o resultado seria o branqueamento da população. Essas ideias de purismo eram advindas das teorias europeias, mas para Viana, não há



raça sem eugenismo e através do processo de miscigenação constrói-se tipos superiores. Ocorria a ideia de que mesmo nas baixas raças apareciam tipos superiores, como o mulato e mameluco, pois tinham no sangue mistura do branco advindo da miscigenação. (GASPAR, 2010, p. 3).

Viana discorre as características do português que, nos primeiros tempos da colonização, vieram para dominar as novas terras. Para Viana, os grupos étnicos que habitavam o solo europeu, constituíam-se de tipos diversos e complexos. Reconhece que o português tinha uma formação racial mestiça. Eram camitas, árabes, semitas, celtas, germânicos; povos que se misturaram na península desde os tempos pré-históricos, sendo diversos os tipos representativos que formara o povo português. Viana observa no processo de colonização do Brasil dois tipos raciais portugueses que influenciaram na conquista e na colonização do país. O primeiro era o dolicoíde, de hábitos nômades e conquistador; o segundo era bruno, de baixa estatura e de características sedentária, esse tipo formava a base dos numerosos setores médios e populares de Portugal. Já os dolicoídes preponderaram no setor aristocrático: na nobreza militar e feudal da Península. “Os elementos dolicoídes e louros devem preponderar na classe aristocrática: na nobreza militar e feudal da Península. Os elementos brunos, dolicoídes ou braquióides, formam a base das classes médias e populares”. (VIANA, 1956, p.126)

O segundo grupo formado pelos os indígenas, era composto de dois grandes grupos, Tupis e Tapuais, subdividindo em outros tipos. “Os grupos tupis dominam todo litoral, desde o Amazonas ao estuário, sob várias denominações: ‘tupinambás’, ‘potiguaras’, ‘tabajaras’, ‘caetés’, ‘tamoios’ e ‘carijós’”. (VIANA, 1956, p. 135). Nesta descrição dos diversos grupos indígenas, Viana evidencia, no ponto de vista dos caracteres propriamente antropológicos, as inúmeras diversidades entre cada grupo. Eles eram morfologicamente muito diversos: estatura, cor, formação craniométrica, complexão. Com o contato com os brancos portugueses estes grupos sofreram mutações e cruzamentos, começando assim, o processo de miscigenação.

O terceiro grupo racial é formado pelos africanos, que foram arrancados de suas raízes e deportados através do tráfico negreiro. Oliveira Viana demonstrou nos seus estudos sobre os negros o seu lado mais intolerante sobre a contribuição destes povos na formação do Brasil. “São porém, os tipos africanos os que vão trazer a esse caos o



contingentes maior de confusão e discordância. Sensível é a diversidade dos tipos dos negros, essa é desconcertante” (VIANA, 1956, p. 138).

Através do seu olhar eurocêntrico, Viana acreditava que o processo de miscigenação dos povos brancos, indígenas e negros se efetivou de uma forma muito complexa, pois se tratava de grupos raciais distintos, oriundos de espaços geográficos distantes e diferentes. Nas suas palavras: “Essas três raças fundamentais, assim tão diferentes e diversificadas, caldeiam-se em nosso território em dosagens muito variadas, conforme o maior ou menor grau de condensação de cada uma delas neste ou naquele ponto do país” (VIANA, 1956, p. 140).

Dentro desta discussão, Viana propunha que a solução para mestiçagem brasileira seria através da mistura entre negros/mestiços e brancos. Pois dentro desta mistura o mestiço herdava diretamente aspectos do tipo superior aproximando-se fisicamente do branco. Contudo parece oportuno compreendermos na atualidade, essas ideias de branqueamento e eugenia no intuito de superarmos os resquícios desta prática “científica” que nega atores fundamentais no processo de formação cultural e social.

Nesse sentido, seguindo um discurso tradicional, amplamente aceito no Brasil do século XIX e meados do XX – a eugenia –, o processo histórico é interpretado por Oliveira Viana à luz das teorias antropológicas racistas que defendiam um processo de branqueamento das raças, até que se alcançasse uma composição étnica satisfatória. É nesta parte do livro (Evolução da Raça) que Oliveira é mais criticado, pelas suas posições racistas vestidas de status científicos importadas da Europa. Segundo tal visão, era preciso corrigir a formação “defeituosa” da sociedade brasileira, que representava um atraso para o desenvolvimento da nação.

Com a identificação do pensamento de Oliveira Viana e com a iminência dos debates sobre a diversidade e as ações para desconstrução dos discursos e ideias que negavam a contribuição do negro e indígena em nosso país, fica evidente conhecermos este autor no sentido de entendermos e superarmos tais práticas (racistas) que ainda insistem em ausentar da historiografia a participação dos afrodescendentes e indígenas ou reconhecer a dignidade dessa contribuição. Nos últimos anos, significativas mudanças vêm sendo tomadas, no sentido de proporcionar uma nova perspectiva sobre essas populações no Brasil.





### III – CONCLUSÃO

A atualidade das questões da diversidade tem promovido o resgate da memória cultural das comunidades negras e indígenas presente em nossa sociedade. Sob esta perspectiva, é necessário entendermos o debate que se faz nos dias atuais sobre a questão da diversidade, que vem possibilitando alterações positivas nas políticas e ações governamentais. Para Reis (2006, p. 154), “esse retrato do Brasil precisa ser esquecido e, para isso, não pode deixar de ser visto e avaliado. Esquecer e superar não são reprimir e calar, mas abordar e elaborar. É o que a história faz”. E com esse atual esforço, novas leituras sobre o Brasil, levando agora em conta a participação desses atores fundamentais no nosso processo histórico, busca-se resgatar a memória destes povos.

Esse esforço tem refletido em conquistas, como a lei 11.645/2008, que trata da inclusão da temática africana, afrodescendente e indígena nas escolas, o que tem promovido a valorização da identidade afrodescendente e indígena no Brasil. Tais medidas apontam para lançarmos olhar positivo sobre as diversas contribuições culturais em nosso país e com isso, através das ações de valorização da diversidade, tende-se a superar os efeitos das teorias reacionárias, que escamoteou a construção de uma identidade alicerçada na valorização do índigo e do negro.

Por fim, como o alargamento do debate sobre as questões da diversidade, é indispensável compreender a História do Brasil e retornar aos estudos e ao pensamento de Oliveira Viana se quisermos mesmo colaborar na superação dos problemas étnicos, raciais e culturais que ainda permeiam a sociedade brasileira. É necessário entendermos este autor nas questões relacionadas às teorias reacionárias, conhecendo e superando, à luz da atualidade das questões da diversidade, esse problema que afetam gravemente a paz e a vida em sociedade.

### REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Murilo de. A Utopia de Oliveira Viana. In: *Revista estudos históricos*, vol.4, nº 07. Rio de Janeiro, 1991.



DIWAN, Pietra. *Eugenia, a biologia como farsa*. São Paulo, nov. 2007. Disponível em: [http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/eugenia\\_a\\_biologia\\_como\\_farsa.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/eugenia_a_biologia_como_farsa.html). Acesso em: 11 out.2011.

GASPAR, Water B. *Nina Rodrigues e Oliveira Viana*. Disponível em: < [http://academico.direito-rio.fgv.br/ccmw/imagens/8/82/IBRA Trabalho Walter Nina Rodrigues e Oliveira Viana.pdf](http://academico.direito-rio.fgv.br/ccmw/imagens/8/82/IBRA%20Trabalho%20Walter%20Nina%20Rodrigues%20e%20Oliveira%20Viana.pdf). >. Acesso em: 13 out. 2011.

MARTINS, Maro Lara. Revisitando o Problema da História em Oliveira Viana. *Revista Eletrônica de História do Brasil*. Juiz de Fora, MG, n. 01, v.09, jan - jul, 2007.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil direita e esquerda?*. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VIANA, Oliveira. *Evolução do Povo Brasileiro*. 4<sup>o</sup> ed. Ed. José Olympio. Rio de Janeiro, 1956.